

Conversas do VIII ENAPOL

ASUNTOS DE FAMILIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

14. Familias substitutas?: instituições comunitárias, religiosas, seitas...

Responsável EOL: Adriana Testa

Participantes: Integrantes: Verónica Berenstein (EOL), Silvia García (EOL), Ana Lucía Ippolito (ICdeBA-CIM), Esmeralda Miras (EOL), Fernando Mo Güell (EOL), Bárbara Schamber (IOM2, CID-Bahía Blanca), Agustín Sebastián (IOM2, CID-San Juan), Daniela Teggi (EOL), Claudia Zampaglione (EOL)

1. Famílias

Transformações da família moderna é o construto que enquadra hoje a variabilidade de famílias para as quais fazemos referências ao nomear este conjunto social. A vertigem dos tempos que vivemos as deixa mais evidentes e, longe de caracterizar-se só por um efeito de redução, se tornaram mais complexas tanto pela extensão dos seus laços como pela interposição dos avanços da tecno-ciência, no campo das escolhas sexuais e da procriação assistida.

Com um olhar retrospectivo sobre a história da família, Anthony Giddens (1994)¹ centrou estas transformações em quatro “instituições da sociedade moderna”: trabalho, gerações, sexos e família. Ao colocar cada uma delas nos vértices opostos de uma figura romboide, obteve uma figura retórica que designou com o nome de “diamante estrutural”. A esse respeito, Germán García² diz que a transformação de quaisquer desses quatro termos – de quaisquer das quatro instituições do diamante estrutural – afeta o lugar dos outros: o trabalho das mulheres

¹ Giddens, A., *Más allá de la izquierda y la derecha*. Madrid: Cátedra. 1996.

² García, G., *Clínica de las transformaciones familiares*. Fascículo publicado pela Fundación Descartes. Buenos Aires. 2001.

modifica a correlação tradicional dos sexos, a manutenção da velhice muda às correlações geracionais e qualquer dessas modificações transforma a família.

No ensaio sobre “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, de 1938, Jacques Lacan define a família como instituição e, com relação ao fenômeno da geração, relativo à vida, traça a distinção que separa a ordem animal da humana. Esta distinção está dada *pelo social*. Deixa fora de jogo a ideia de um puro instinto natural no homem e destaca “a instância constitutiva da dimensão que chama *cultura*.”³

Assim, cruza o regime da natureza com o da cultura e introduz o social como propriamente humano.

A espécie humana caracteriza-se por um desenvolvimento singular das relações sociais - desenvolvimento esse que é sustentado por capacidades excepcionais de comunicação mental – e, correlativamente por uma economia paradoxal dos instintos.⁴

A ideia de “uma economia paradoxal dos instintos” é o viés pelo que, desde o começo, “isola com a sua tábua de orientação prepsicanalítica, a função paterna como exemplo de uma função que não se pode deduzir da natureza”.⁵

Contrapõe o instinto à ideia de complexo. O complexo familiar é radicalmente não instintivo, cultural e baseado num nível de objetivação que se sustenta sobre a comunicação.

[...] está dominado por fatores culturais: no seu conteúdo representativo de um objeto; na sua forma vinculada a uma etapa vivida da objetivação; finalmente na sua manifestação de carência objetiva a respeito de uma situação atual.⁶

Com relação a essa “carência objetiva”, Miller destaca a ideia freudiana do objeto perdido. Essas formas de objetivação não são senão formas de subjetivação, posto que se trata de saber

³ Seguimos aquí e adiante a leitura de Miller, J.-A., *Lectura crítica de Los complejos familiares de Jacques Lacan* A *Freudiana* N° 47. Barcelona. 2006.

⁴ Lacan, J., *Los complejos familiares en la formación del individuo. Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 33. [Notas de Agustín Sebastián e Bárbara Schamber]

⁵ Miller, J.-A., *op. cit.*

⁶ *Ibidem*, p. 38.

em qual nível se encontra objetivado o real, num momento dado, para um sujeito. Aqui, objetivado, quer dizer comunicado.

2. Substituições

O que podemos dizer da família definida como grupo social que tem na sua origem o matrimônio e a filiação, regulado por laços legais e proibições sexuais (Lévi-Strauss)?

Sob a ótica de Freud e Lacan, Jacques-Alain Miller traduz cada um destes termos por outros que desvelam a estrutura que subjaz a instituição familiar: a sua origem está o matrimônio? Não, a origem da família está no mal-entendido, na decepção, no abuso sexual ou no crime. Está formada pelo marido, esposa, filhos, etcetera? Não, a família está formada pelo Nome do pai, pelo desejo da mãe e pelos objetos *a*. Estão unidos por laços legais, direitos, obrigações, etcetera? Não, a família está essencialmente unida por um segredo, está unida por um não dito. O que é esse segredo? É um desejo não dito, é sempre um segredo sobre o gozo: do que gozam o pai e a mãe.

Falo, Édipo e falta são introduzidos nessa nova lógica que Lacan inaugura a partir de Freud. Para o neurótico, sempre há algo incrível no vínculo sexual do pai com a mãe. O que significa o Édipo – pergunta Miller – se não que não gozam onde deveriam gozar?⁷

Esses três termos, permitem definir a família a partir de diferentes lugares estruturais, partindo de um primeiro asserto: *a família encarna o lugar do Outro*. Vale lembrar aqui o que Lacan diz em 1977, a família é o lugar de fonação de todo ser falante. São os parentes próximos os que ensinam a língua. Os analisantes só falam disso. Assim, constata na clínica um núcleo de parentesco irreduzível, cuja função primordial é a de sustentar uma substituição inaugural que tem como efeito a emergência de um sujeito da palavra. “Nascemos na língua”, diz Miller, ao mesmo tempo que aponta dois elementos que condicionam esse nascimento: o fundamento biológico da falta em ser e a experiência do perigo que conota essa falta. O desamparo inicial induz aos cuidados do outro para satisfazer as necessidades. Assim ocorre o chamado ao Outro; assim se transformam os gritos e os ruídos num falatório que chama o outro, e dessa

⁷ Seguimos aqui e adiante a Miller, J.-A., (1993) Cosas de familia en el inconsciente. *Introducción a la clínica lacaniana*. Conferencias en España. Barcelona. ELP-RBA. 2006, pp. 341-344.

forma a necessidade é traduzida pela demanda. Portanto, deste modo, a família se configura como *lugar do Outro da língua e da demanda*. A passagem da demanda pela língua, pelos efeitos traumáticos dos perigos que conota o desvalimento inicial, produz sobre as necessidades um desvio que retorna sobre as mesmas como marca de uma falta. Antes, nos detivemos na asseveração de Lacan sobre “a economia paradoxal dos instintos”; pois bem, precisamente esse traço está dado pelas modificações, também paradoxais, da necessidade. Esta é, nem mais nem menos, que a operação suposta por Lacan no seu ensaio de 1938: as instâncias culturais numa função de domínio sobre as naturais. Não obstante, nesta operação há um elemento a mais em jogo: essas modificações, os seus efeitos traumáticos, produzem um resto, “um resto do que não pode ser pedido porque não pode ser dito” e suas consequências são duas: desejo e pulsão. Seguimos aqui o raciocínio de Miller. Desejo, pulsão e objeto. O desejo é o significado que se desliza na demanda, mas que não é explicitado; a pulsão, como a parte não interpretável do dito, é uma enfermidade da necessidade; e o objeto pulsional, como objeto da necessidade que perdeu a sua condição de natural, se manifesta com insistência, mas não alcança uma satisfação plena. Assim, podemos definir a família como o lugar de reconhecimento da própria palavra, onde se decifra o seu próprio desejo e o desejo do Outro – que me quer? –. Em tal sentido, é também “um *lugar de interpretação inesgotável*, pois [...] as coisas da família têm sempre no seu centro coisas proibidas”.⁸ Em primeiro lugar, a proibição do incesto, razão pela qual a família é também *o lugar do Outro da lei*, onde está proibido o gozo supremo para os sexos, isto é, o gozar da mãe.

A conclusão de Miller ao término desta extensa argumentação é uma chave de leitura do tema que tentamos dilucidar: a família como *metáfora* do lugar do Outro é em si mesma uma *formação substitutiva*. “Na família o gozo está proibido e se propõe um gozo substitutivo, o gozar da castração, ou seja, gozar do próprio roubo do gozo”.⁹ Os analisantes falam disso, de um gozo perdido e das maneiras nas quais tem se substituído por outro. No campo das neuroses, a metáfora paterna como função inscreve e encarna essa substituição. A substituição da necessidade pelo significante que realiza a própria língua encarna a substituição da natureza pela cultura. Miller acode para a metáfora levistraussiana do roubo para definir a metáfora paterna como a relação do pai roubador com o desejo da mãe. A família é um *mito*, “um conto

⁸ Miller, J.-A., *Ibidem*, p. 343. [O grifo é nosso]

⁹ *Ibidem*, p. 344.

sobre como lhe foi roubado ao sujeito o gozo que merecia e ao qual tinha direito”.¹⁰ É um lugar onde se propõe gozar do roubo da castração.

3. Instituições comunitárias, religiosas, seitas...

Famílias substitutas? Substituições ou suplências das funções? A partir destas perguntas nos orientamos numa indagação realizada nos três âmbitos que enuncia o título do nosso tema.

3.1 Instituições religiosas

Entrevista a uma integrante e diretiva da Comunidade NCI *Emanu El*. Outra, para a mãe de uma paciente que pratica a religião Umbanda. Um mito religioso: a Defunta Correa.

As instituições ligadas à religião cumprem o princípio de substituição próprio da instituição familiar que antes enunciamos: nesses âmbitos a relação Deus-Pai, como inscrição do Nome do Pai, é a que faz possível, na comunidade fraterna (irmãos/irmãs) ligada pela fé em Deus, a substituição de um gozo proibido pelo gozo da castração. A entrevistada de *Emanu El* define a comunidade como família.¹¹ Claramente a função do rabino é a do pai judeu; é quem transmite as leis e os regulamentos da vida. É exemplar em tal sentido o modo em que resolveu autorizar, através das “resposas rabínicas”, o casamento entre duas mulheres que passaram a formar parte da Comunidade. Éric Laurent faz uma caracterização cômica do pai judeu superado pelos regulamentos em contraposição ao pai católico que é sempre um *São José* que sabe que tem que se ocupar da criança mesmo que ele não a tenha engendrado.¹²

¹⁰ *Ibidem*, p. 344.

¹¹ Entrevista a cargo de Claudia Zampaglione.

¹² Laurent, É., *Institución del fantasma, fantasma de la institución*. Conferência dada no Seminário de psicanálise com crianças, em *L'École de la cause freudienne*. Paris, outubro de 1991. Tradução de M. Errecondo e D. Senderey. Autorizada pelo autor.

Uma praticante da religião Umbanda,¹³ *de uma boa linhagem* (tal como os seus praticantes a reconhecem) encontra na relação com a Mai (a qual é regida por uma santa feminina) e *no amor à religião que a une aos praticantes*, uma irmandade que a faz sentir *liberada*. *É prazeroso – diz - faço o que quero fazer*. E interpreta a solução favorável a um problema que a acometia no exercício da sua profissão, como *indício dos poderes da religião que ali pratica*. O Templo da Mai Oxum é o lugar onde estuda e assiste às celebrações. *A Mai Oxum é a Virgem da imaculada conceição*.¹⁴ A relação sincrética com a religião católica, no dito desta mulher, indica a eficácia do encontro com uma crença que ordena a sua vida.

O mito religioso da “Defunta Correa”, um mito popular que mobiliza a centos e centos de crentes nas províncias, não aceito pela Igreja católica, mantém a sua eficácia numa relação sincrética com esta religião. Um estudo realizado pela antropóloga M.C. Krause Yornet segue a transformação diacrônica do mito comparando o relato huarpe com o atual. O relato huarpe se baseia no cacicado como fundamento da organização política dos huarpes; e da família (consolidada mediante o matrimônio exógamo e virilocal) como fundamento para a constituição dos grupos. Estrutura-se em três sequências: Nascimento do filho / Morte da mãe / Metamorfose do pai. Morta a madre no caminho, o pai salva o seu filho recém nascido amamentando-o com o seu peito esquerdo. A mensagem do mito se refere à consolidação e continuidade da família a partir da descendência. O desequilíbrio da família humana é suprido com uma força sobrenatural – o “Senhor” –, causa da metamorfose do herói. O desenvolvimento do seio esquerdo no corpo do homem, faz do herói homem e mulher.

O relato atual se estrutura em cinco sequências: Matrimônio e nascimento do filho / Separação do casal matrimonial / Procura do esposo por Deolinda / Morte da mãe / Metamorfose da mãe. Na travessia, a mãe desesperada segue os passos do seu esposo enrolado para fortalecer as tropas. Morre, sem água e sem alimento, de cansaço e sede. Uns tropeiros encontram a criança viva mamando no peito da mãe morta. A mensagem se refere à consolidação e integração da família – pais e filhos –, mesmo a custa das instituições sociais incipientes. Neste relato, o

¹³ A Umbanda ou “Espiritismo de Umbanda” é uma religião espiritista e esotérica, que combina elementos tanto do espiritismo (kardecista) quanto do ocultismo (oriental), junto com as correntes religiosas africanas (Bantú) e americana (Tupí-Guaraní), entre outras.

¹⁴ Entrevista a cargo de Silvia García.

poder sobrenatural da Virgem causa a metamorfose fisiológica da heroína. Por essa intervenção divina adquire um duplo estado: viva e morta ao mesmo tempo. Este fato, e a chegada providencial dos tropeiros, evitam o desaparecimento da família, já que a sobrevivência da criança assegura a sua continuidade. A mulher-mãe ocupa um estatuto privilegiado diante desse fato cultural da guerra que corrói a família.¹⁵

Efetivamente em um e outro relato, a ficção de que é o filho quem cria a família é a operação mágica que a sustenta. Assim o verifica Éric Laurent em seu escrito “a criança como real do delírio familiar”. Já ao nascer, só por nascer, a criança cria a família. “Essas ficções – sustenta – revelam o caráter de objeto real da criança”. Objeto passionalmente desejado e rejeitado ao mesmo tempo. A ficção disfarça este real. Laurent também o verifica na ficção jurídica que acompanha a ficção religiosa, como modos de se adaptarem, ambas, aos descobrimentos da ciência.¹⁶

3.2 Instituições comunitárias

Centro educativo da cidade de Buenos Aires, *Isauro Arancibia*. Entrevista aos docentes.¹⁷

O Centro inclui três ciclos pedagógicos, ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio. Pelas características da sua organização podemos defini-la como uma comunidade aberta. *Vêm famílias inteiras, mães com filhos e netos*. Em geral provém da rua. Os projetos que concebem para fazer possível a função pedagógica por sobre qualquer outra função, põe em jogo elementos relevantes com relação ao nosso tema.

- Linha do tempo: *como as crianças vivem no imediatismo armamos uma linha do tempo desde quando nasceram até agora, quais foram os fatos principais da sua vida. É uma maneira de historiar-se, de se contatarem com a própria história e corporalizá-la no relato*.

Destacam em particular este aspecto porque são muitas as que dizem: *eu não quero me lembrar de nada de quando era pequeno; não me faça pensar nisso*. Um exemplo eloquente é o caso de uma jovem que organiza a linha do tempo com as datas dos nascimentos dos seus

¹⁵ Seguimos até aqui as notas de Bárbara Schamber sobre “La transformación diacrónica del mito” da antropologista María Cristina Krause Yornet, publicada em:

DialnetLaTransformacionDiacronicaDelMito-5042181.pdf

¹⁶ Seguimos as explicações de Laurent, É., El niño como real del delirio familiar. Conferência de fechamento das VII Jornadas de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis. Barcelona. Noviembre 2009.

¹⁷ Entrevista realizada por Daniela Teggi.

filhos. É recorrente que não iniciem essa linha do tempo com o seu próprio nascimento. Sim, é um marco sobressalente quando começaram a ir para a escola. Uma vez construída lhe colocam um nome.

- O agrupamento *Hermanos de la calle* (*Irmãos de rua*). Muito difícil de sustentar. *Eles se denominam assim, não tem laço sanguíneo, mas são irmãos de rua, uma família que vai se armando dessa forma. Irmãos de rua é o nome que colocaram faz alguns anos para o grupo que se reunia para pensar e reflexionar sobre a situação particular e qual projeção dar para frente.* Fizeram uma proclama, foram para a Assembleia legislativa como agrupamento. Foi uma ação impulsada a partir da escola, como organizador da vida das crianças.

Selecionamos só dois projetos. Cabe destacar alguns elementos da estrutura que cumprem uma função de suplência antes que substitutiva. 1. A inscrição de uma marca (um marco na linha do tempo): pertencer à escola. Essa marca tem como efeito a circulação da palavra, que dá lugar ao laço com outros. 2. Identificações a um traço, horizontais: *Contagia...* nos outros o desejo de pertencer e aprender. 3. O convite, quem convida a cada um, é o modo de inscrição no Outro que tem a escola como lugar da palavra e da lei. 4. Ao indagar sobre os obstáculos, aparece o fenômeno da “ranchada”. A tentativa de entrar na escola com a ranchada, sob o código desse modo de sustentar laços com outros. A resposta ética da instituição é sustentar o princípio que enuncia *a escola não é a rua. A Escola se rege por normas, não por códigos.* Diferencia-se forçadamente “código” de “normas” para elevar estas à categoria de princípios que não se reduzem a códigos reduzidos a regras de situação, próprias de uma subcultura. 4. A posição amo (performativa) dos docentes é exigir que *fizessem coisas que não estejam dadas*, empurrar para a construção de algo novo em suas vidas. 5. Portanto, também é o lugar do reconhecimento do próprio desejo e do desejo do Outro. No início da entrevista, uma docente conta que uma criança perguntou a ela se gostaria de ser a sua mãe. A resposta susteve a função para a qual está nesse âmbito, ser professora, não mãe. Assim contornou a prova do – que me quer –. A pergunta vale como palavra que faz existir a dimensão do desejo do Outro. Estes elementos da estrutura que forma parte da criação discursiva destes novos laços *suprem* orfandades simbólicas, num campo que abre a possibilidade de uma *substituição* radical: a de um gozo anônimo e secreto pelo gozo da castração. Não é uma instituição orientada pelo ideal, senão por uma ética que se sustenta no princípio de pôr em jogo uma legalidade simbólica, que possibilite um passo para invenções possíveis para cada um.

No reverso desta experiência, estão as *crianças em bando*,¹⁸ bandos de garotos excluídos de uma ordem social. Seres de *vida nua* (Agamben) que fazem da exclusão um estado que também podemos explicar em termos de instituição. Eric Laurent diz que “não há criança sem instituição, inclusive se está abandonado, está a instituição da rua que o recebe. Não há criança totalmente sozinha. A criança vai com a instituição, é a família ou é isso que vem a ocupar esse lugar: o bando, a lei, a selva se fizer falta”.¹⁹ Nestes grupos, a violência é em si mesma um laço social, um modo de estar com outros. Se a lei não opera como princípio de interpelação, também não opera a percepção da transgressão porque o outro não é percebido como um limite. Não há registro de um limite violentado.

Os expulsos constituem uma subjetividade em situação. Os rituais com os quais sustentam os seus laços são *ritos em situação*, não são os transmitidos entre gerações. Cumprem a função de antecipar aquilo que vai suceder, não de transmissão. Sua temporalidade é a de um puro presente.

O grupo é portador de padrões de identificação. A droga é uma marca, como uma tatuagem, enlaça para um “nós” imaginário. Algum deles encarna uma “autoridade situacional”, que surge das alianças. Não está em jogo a legalidade de uma transmissão paterno-filial, senão um sistema de regras para habitar uma situação regulada por códigos legitimados dentro de uma subcultura.

Os valores surgem da experiência, e sua fonte de legitimidade é a eficácia que produzem para habitar certa circunstância. Os referentes de identificação são os pares, as regras são elaboradas em cada situação. Os valores que se configuram em relação aos próximos, não dão uma identidade civil senão que promovem uma nomeação reconhecida nas fronteiras do território.

No outro extremo, estão os bandos que sustentam a delinquência para se organizarem como quadrilhas ou comunidades de delinquentes. Organizadas em forma de células estendidas na América Central, México e Estados Unidos. Cabe destacar de uma delas, o rito inicial para ingressar: uma forte surra de 13 segundos que pode terminar com a morte do aspirante, no

¹⁸ Notas de Verónica Berenstein sobre o livro de Duschatzky, S. e Corea, C., *Chicos en banda. Los caminos de la subjetividad en el declive de las instituciones*. Buenos Aires: Paidós/Tramas sociales. 2002.

¹⁹ Laurent, É., *Institución del fantasma, fantasma de la institución*.

exato momento em que quer iniciar a sua carreira de bandido. Por outro lado, estão os que, formando parte, querem desertar, mas levam em seus corpos a marca indelével de uma tatuagem como condena de morte pelo ato de deserção.²⁰

O significante “delinquência” é o S1 que os agrupa e ordena laços que se consolidam numa *ordem de ferro*, a partir do princípio de resistência. Assim como Laurent o expõe com relação aos jihadistas, podemos dizer que estas quadrilhas são “hordas de irmãos”, uma “fraternidade de gozo”.²¹ A surra inicial põe à prova a capacidade de resistência que terá que sustentar depois diante de todos os que não são dessa comunidade, através da violência. É uma comunidade macho que se sustenta sob o emblema da morte. “O gozo do ódio que engendra é compatível com o êxtase paradisíaco”.²² Roberto Espósito em *Communitas*,²³ explica que o Estado-Leviatã coincide com a dissolução de toda amarração, com a abolição de toda relação estranha ao intercâmbio vertical proteção-obediência. A opção *imunitária* hobbesiana não é gratuita. Se a comunidade acarreta delito, a única possibilidade de sobrevivência individual é o delito contra a comunidade. Na linha deste argumento, podemos dizer que essas comunidades delitivas são a outra face do Estado-Leviatã que, ao mesmo tempo em que sustenta um pacto para dentro, o dissolve para fora. O rito de iniciação encarna o paradoxo de passar por uma prova com risco de morte como submissão máxima ao S1 que dá existência ao bando. No limite mesmo de desaparecer, o aspirante é marcado pelo nome “delinquente” que margeia o furo próprio da morte.

3.3 Seitas

Psicanálise e seita.²⁴ Apresentaremos o tema das seitas em relação ao saber, ligado à transmissão. Numa breve intervenção, “O revés da família”, Miller²⁵ destaca um elemento que Lacan sublinha no seu ensaio sobre “Os complexos familiares”, a função da família conjugal.

²⁰ Notas de Agustín Sebastián.

²¹ Laurent, É., De la locura de la horda a los triunfos de las religiones. *Virtualia* #32. Revista virtual de la EOL. Año XV. Agosto 2016.

²² *Ibidem*.

²³ Seguimos aquí as anotações de Ana Lucía Ippolito sobre Roberto Espósito, *Communitas. Origen y destino de la comunidad*. Cap. 1. Buenos Aires: Amorrortu. 2003.

²⁴ Notas de Esmeralda Miras sobre Escuela y grupo analítico en Miller, J.-A., *El banquete de los analistas*. Buenos Aires: Paidós. 2000.

O grupo reduzido que constitui a família moderna não parece [...] uma simplificação senão uma *contração da instituição familiar*. [...] A profunda remodelação que conduziu a instituição familiar para a sua forma atual [...] é preciso atribuí-la à influência predominante que aqui adquire o matrimônio, instituição que deve se distinguir da instituição da família.²⁶

A família conjugal,

[...] tem uma função de resíduo na evolução das sociedades, e ela se manterá precisamente porque se encontra no *estado de resíduo* [...] de pequeno objeto *a*. O que vivemos hoje em dia o confirma. Interpreta esta resistência própria da família conjugal pelo caráter irredutível da transmissão, não a transmissão de um saber, nem a transmissão das necessidades, senão *uma transmissão constituinte para o sujeito*. Isto supõe a sua relação com um desejo que não seja anônimo.²⁷

Com este argumento Miller articula “o caráter irredutível da transmissão” com esse elemento constituinte de um sujeito que é o desejo, “um desejo que não seja anônimo”, constituinte da singularidade desse índice subjetivo que é o *Je*.

A seita, por definição, é o conjunto de seguidores de uma doutrina religiosa ou ideológica concreta. O termo se usava originalmente só para aludir a partidos ou comunidades de pessoas com afinidades comuns (culturais, religiosas, políticas, esotéricas, etcetera), que através de seus ensinamentos ou ritos se diferenciavam de outros grupos sociais.

Um traço diferencial da seita é o segredo; o saber sobre um segredo que introduz a diferença entre os que sabem e os que não sabem. Exemplarmente, Miller se vale de um escrito de Borges “A seita da Fênix”²⁸ para introduzir a relação entre o saber e o mistério. O mistério está do lado do segredo sexual, e o paradoxo que recria Borges é que o segredo para alguns o é

²⁵ Miller, J.-A., El revés de la familia. *Consecuencias* N° 8. Revista digital de psicoanálisis, arte y pensamiento. Abril 2012.

²⁶ Lacan, J., Los complejos familiares..., *op. cit.*, p. 37. [O grifo é nosso].

²⁷ Miller, J.-A., El revés..., *op. cit.* [O grifo é nosso].

²⁸ Borges, J. L., La secta del Fénix. *Ficciones*. Buenos Aires: Emecé . 2003, pp. 253-260.

também para eles mesmos. Tal como dizia Hegel sobre a arte egípcia: *Os segredos dos egípcios eram segredos para os próprios egípcios*. Não sabem nada disso, não tem um livro sagrado, não tem memória comum nem idioma próprio, só possuem um rito - igualmente misterioso; mais ainda: o rito constitui o próprio segredo.

Não há psicanálise sem o rito da sessão; e no seu rito está o seu risco: a ritualização. Os analistas como “gente do segredo” que sustentam a execução de um rito reduzido ao seu hábito. É Miller quem introduz neste ponto o reverso da seita dos analistas em seu ponto mais candente: “o segredo não tem conteúdo, e por isso é real; um segredo que é somente a significação do segredo, como Lacan pode dizer que o sujeito, suposto saber, não é mais que a significação do saber”.²⁹

Então “gente do segredo” (segundo Borges) na seita dos psicanalistas são “gentes do suposto saber” (segundo Lacan). Uma sessão de psicanálise é um encontro que se dá entre “Gentes do segredo”, “Gentes do inconsciente” e “Gentes do suposto saber”. Num lugar propício, que é o consultório do analista, não “nas ruínas, nos porões ou nos saguões” (como são eles para a “Seita da Fénix”).³⁰

Duas regras regulam esses encontros analíticos: a da associação livre e o da abstinência. A regra da abstinência põe em evidência a relação essencial entre a sessão e a relação sexual. Precisamente, se introduz a abstinência sobre o fundo da sua possibilidade: que seja possível torna necessário que não tenha lugar, para que se estabeleça uma relação com o saber.

Sem dúvida, há um empuxo para a seita na psicanálise. Miller o liga ao tratamento do inconsciente. Freud faz dele um real digno da ciência; Lacan tenta capturá-lo no matema, mas há algo que se resiste. “De lá extrai substância o sectarismo na psicanálise”.³¹ Desse caráter irreduzível da transmissão. Então, é no empuxo da transmissão onde se apresentam duas saídas possíveis: a redução para a ficção do segredo ou a abertura de uma transmissão constituinte para a singularidade do sujeito.

²⁹ Miller, J.-A., *Los usos del lapso*. Buenos Aires: Paidós. 2004, p. 41.

³⁰ Seguimos as notas de Fernando Mó Güell sobre psicanálise e seita.

³¹ Miller, J.-A., *Los usos...., op. cit.*, pp. 45-47.

Para concluir

Em primeiro lugar, lembraremos um asserto de Jacques Lacan em 1977:

[...] o que segue sendo completamente surpreendente é que os analisantes, eles, não falam senão disso, as bordoadas por parte dos analisantes de suas relações com seus parentes, mais próximos, é um fato que o analista tem que suportar.³²

Suportar esse fato primordial que é *lalíngua*. Trata-se disso para o analisante, não fala mais que sobre isso porque seus parentes próximos lhe ensinaram a língua.

Em segundo lugar, cabe dizer que um fio pouco perceptível que percorre esta elaboração e que passou pelas provas de verificação de cada um dos conjuntos que analisamos, é o da pergunta: O que funciona cada vez como amarração?

Sem dúvidas, não opera só a função do Nome do Pai, nem o pai como transmissor da castração. As transformações atuais dos laços sociais (que se agitam no ser-que-fala) põe em clara evidência a postulação de Lacan, em seu último ensino, sobre o pai como *père-version*: o pai-versão, pai-perversão. Ou seja, o que se define como doador de uma solução, dando uma versão do objeto causa, passível de processar um desejo que volte mais habitável à própria vida. Que amarre gozo e culpa de existir; amor e desejo.

Tradução: Eva Arenas

³² Lacan, J., (1976-1977) *L'insu que sait de l'une-bevue s'aile a mourre*. (Inédito).